

FORMAÇÃO DA FAMÍLIA E O CRISTIANISMO

Na nossa língua aramaica que é o idioma sacro da Igreja de Antioquia, a idéia de família é dada pela palavra **yiqarto**. Diferentemente das línguas ocidentais que trouxeram o termo “família” da língua latina e que significava “grupo de servos e escravos do chefe” (*famula* significava: “serva, escrava”), **yiqarto**, linguisticamente, provém do verbo **yiaqar** o qual significa “respeitar” e **yiqarto** significa “algo de respeito” ou “ algo que traz respeito”.

Dentro da tradição cristã, desde o início, no relato bíblico da Criação (livro de Genesis) vemos que Deus criou Adão (o homem) e de sua costela formou Eva (a mulher) para ser sua companheira e lhes deu a Sua bênção para se reproduzirem e assim multiplicarem os seres humanos sobre a Terra. Com isso Deus deu um significado à vida do ser humano na Terra. Ele fez o homem à Sua semelhança e lhe deu a vida porém, deu ao casal, homem e mulher, o poder de darem vida a outros seres, semelhantes a eles e semelhantes a Deus.

Com tudo isso porém, se não houver respeito entre o homem e a mulher, o convívio se tornará insuportável e o encontro de ambos, o relacionamento deles, passará a ser intolerável e se transformará numa violentação dos corpo, dos sentimentos e da mente e no entanto vemos essa situação todos os dias quando não há respeito entre os seres humanos, em especial entre homem e mulher.

A todo momento, o pensamento do ser humano é bombardeado por informações que querem transformá-lo num simples objeto de satisfação dos desejos sexuais sem consideração ao respeito, como se apenas tal satisfação fosse suficiente.

Para analisarmos com tranquilidade de pensamento essa multiplicidade, esse bombardeamento de informações, precisamos nos conscientizar que o ser humano não conseguirá realizar a essência de sua existência enquanto não aprender a existir **com** alguém e **por** alguém e essa relação é fundamental nesse processo, ou seja, o ser humano somente conseguirá realizar a sua existência em sua essência se **respeitar** “um ao outro”. É então que enxergamos como nossos antepassados entenderam essa relação e nos passaram o conceito de **yiqarto**; o conceito de família e respeito que se forma a partir do mistério do matrimônio, um dos sacramentos da nossa Igreja de Antioquia.

HISTÓRIA DA IGREJA

(CONTINUAÇÃO DO Nº 60)

A época em que bispo Severios foi eleito Patriarca de Antioquia e durante todo seu patriarcado, foi muito tumultuada por teorias levantadas por filósofos cristãos, teorias essas que se transformaram em sofismas sem qualquer resultado prático porém sempre acabavam por criar divisões na Igreja de Cristo. O que é de se notar é que esses filósofos, às vezes, eram discípulos dos mestres de Antioquia, Edessa, Nisibin e outras universidades da Mesopotâmia contudo, ao serem designados como prelados das cátedras de outros grandes centros, acabavam por adotar e defender idéias totalmente estranhas ao cristianismo primitivo, assim, por exemplo, temos o caso de Nestor que foi indicado por Antioquia para a cátedra de Constantinopla e quando lá se estabeleceu, defendeu uma idéia estranha a Antioquia qual seja a de que a Virgem Maria era mãe de Jesus porém não de Deus e com isso colocou no meio cristão a idéia de que Jesus não era Deus ou então que havia duas divindades a serem adoradas, tal como no paganismo grego da época. Mesmo antes da disseminação dessa teoria errada (em religião cristã esse dogma errado chama-se “heresia”), a Igreja de Antioquia já chamava a Virgem Maria de “**yoldath aloho**” que significa “mãe de Deus” e para bloquear a propagação desse erro entre outros prelados e sacerdotes, os bispos de Alexandria (no Egito) e Bizâncio e demais países de fala grega chamaram-na depois de “**theotokos**” que significa “ a que deu à luz

Deus” (ou “a que carregou Deus” no sentido que em aramaico dizemos que uma mulher grávida é: “**Teínto**”; ou seja “está carregada”) e em latim, que era a língua da Igreja de Roma e seus seguidores, ficou conhecida como: “**Deipara**” (em latim significa “ a que pariu Deus”).

Essa tese de que a Virgem Maria era tão somente a mãe de Jesus foi largamente difundida na Pérsia, Afeganistão, Paquistão, Índia e chegou até a China, bem como na Mesopotâmia oriental. Dessa divisão surgiu a Igreja Assíria do Oriente que até hoje existe. Os bispos dessa Igreja explicam a tese de Nestor dizendo que o que ele quis dizer era que a Virgem Maria não era a mãe de Deus desde o princípio mas apenas a partir do momento em que ele se fez homem. Ocorre que não foi essa a interpretação dos demais preladados das outras catedras (Antioquia, Alexandria, Roma e Bizâncio) e com isso deu-se a divisão. Somente depois da confusão estabelecida é que ele, Nestor, justificou-se e aí, ele já havia sido declarado anátema (errado, expulso da Igreja) e a indesejada divisão na Igreja de Cristo, estabelecida. A forma de apresentar era essencial pois a interpretação é subjetiva e isso foi a causa do erro e do sofrimento. Esse fato ocorreu um pouco antes de Severios assumir a catedral de Antioquia

Historicamente, a Igreja Siríaca de Antioquia (hoje siríaca é conhecida como sirian) sempre propagou um único Deus e por isso, ao fazermos o sinal da Cruz, recitamos a fórmula: “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, um só Deus Verdadeiro, Amém” (em aramaico é: **bexem ábo uábro uruho qadixo, had alo-ho xariro, amin**) – no nr 27 de Suryoye, no artigo “O Símbolo do Cristianismo” encontra-se a forma detalhada de como devemos realizar esse símbolo (o endereço é: <http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/jornalsuryoye/suryoye27.pdf>).

RITUALÍSTICA – VIII

(continuação do nr. 60)

Antes de passarmos a outro tema da ritualística, vamos dar continuidade ao tema do número passado que é a procissão ou, em aramaico: **hago**.

Ocorre que na Igreja Antioquina, todo dia de procissão é antecedido por uma abstinência de ingestão de produtos animais (exceto peixes) com um período de no mínimo um dia e um máximo de 40 dias (quaresma). Essa abstinência, culmina com um jejum desde o por do sol até o sacerdote ministrar a comunhão aos fiéis e até o final da missa.

Após o término da missa, a comunidade se reúne e comemora a festividade santa com uma refeição. No Oriente, em tempos em que não havia guerra ou perseguição aos cristãos, essa festa, se assim podemos chamar, durava na antiguidade até 3 dias; hoje é comum perdurar somente algumas horas.

Em Tur Abdin e Alepo e Homs e outras cidades do Oriente, era comum, até a 1ª Guerra Mundial, as famílias se reunirem após a missa e promoverem uma festa que também passou a chamar-se **hago**. Durante essa festa o povo cantava e dançava músicas folclóricas, às vezes lembrando o santo padroeiro, às vezes apenas se divertindo com danças em roda, utilizando principalmente como instrumentos o “**oudo**” (alaúde), a “**dabeque**” (tambor em forma de ampulheta), o “**kuxkoxo**” (chocalho), os “**dSonghe**” (castanholas).

Essa forma de comemorar através de uma festa popular tem sua origem nas festividades religiosas dos reis da Assíria em especial a que encerrava a época da colheita. Após a celebração no templo, o rei saía ao encontro do povo e o conclamava a festejar o encerramento da colheita. Nos primórdios do cristianismo, ainda em Jerusalém, vemos os discípulos de Jesus Cristo reunidos após Sua ascensão, comemorando essa ascensão; em seguida, desce sobre eles o Espírito Santo e eles começam a falar em diversos idiomas que não conheciam (Atos dos Apóstolos – capítulo 2):

1. *E quando se completaram os dias de Pentecostes, enquanto todos estavam reunidos,*

2. De repente, veio do céu um som, como se soprasse um vento impetuoso, e encheu-se dele toda a casa onde estavam sentados.
3. Apareceu-lhes então uma espécie de línguas que se repartiram como fogo e pousavam sobre cada um deles.
4. Ficaram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em diversas línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem.
5. Havia então pessoas que habitavam em Jerusalém, que temiam a Deus, judeus de todas as nações que há debaixo dos céus.
6. Ouvindo aquele som, reuniu-se aquele povo e murmurava pois cada um deles os ouvia falar na sua própria língua.
7. Profundamente impressionados, manifestavam a sua admiração dizendo um ao outro: Não são, porventura, galileus todos estes que falam?
8. Como então todos nós os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua materna?
9. Partos, medos, elamitas e os que habitam a Mesopotâmia, judeus e capadocenses e da terra do Ponto e da Ásia,
10. E da terra da Frígia e da Pampulha e do Egíto e as províncias da Líbia próximas a Cirene e os peregrinos de Roma, judeus e os prosélitos
11. E os de Creta e da Arábia; eis nos ouvindo, deles os que falam em nossas línguas as maravilhas de Deus!

[tradução livre da versão Peshita em aramaico – o texto original encontra-se ao final da edição]

Façamos uma análise do texto comparando-o com a explanação do **hago**:

1º. Estavam reunidos os discípulos

2º. Além dos discípulos havia muitas pessoas de diversas origens vindas das diversas partes do mundo ou seja, peregrinos que se deslocaram até Jerusalém.

Por esses 2 pontos já sabemos que enquanto os discípulos realizavam a Santa Ceia, partindo o pão e abençoando o vinho para distribuí-lo ao povo, esse estava do lado de fora (pois eram muitos e não cabiam na casa) esperando pela distribuição da comunhão.

A festividade do **hago** perdurou no Oriente por milênios e foi levada pelos cristãos da Mesopotâmia para as mais diversas localidades. O tom de alegria e festa sempre é dado ao final da celebração da missa de diversas formas. Nos anos de 1970 a 1980 com a imigração de uma boa parte do povo do norte da Mesopotâmia (Tur Abdin) para a Europa (em especial: Suécia e Alemanha), nosso povo levou consigo essas comemorações festivas a ponto de um cantor popular (Habib Mousa) fazer muito sucesso com uma música que faz referência à festividade de um santo da região de Tur Abdin, festividade essa conhecida como "**hago demor aho**" (= festividade de santo Aho).

Os primeiros imigrantes de Homs (Síria) e Tur Abdin (Turquia) que chegaram ao Brasil no início do século XX também mantiveram essa tradição e hoje, a Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria, com todas as famílias oriundas dos mais diversos países do Oriente, como Líbano, Síria, Iraque etc também mantem essa tradição, oferecendo sempre um almoço após diversas datas celebrativas do cristianismo (Páscoa, por exemplo), cumprindo a ritualística do **hago** que começa dentro da igreja e somente acaba na confraternização e festividade.

CULTURA ORIENTAL – XI

Como a cultura trata das muitas facetas da vida do povo que a vive ou viveu, se esse povo desapareceu ou assimilou outra cultura, é comum que os críticos culturais abordem somente a parte que lhes interessa ou que interessa ao seu público; no entanto para se compreender um povo na sua totalidade é preciso abordar todos os aspectos culturais do mesmo. Em função disso, vamos interromper um pouco nosso estudo sobre a parte da arte conhecida como bela arte (música, literatura, arquitetura, escultura, pintura e outras clássicas) e vamos à cultura vivida pelo nosso povo no seu dia a dia, principalmente a culinária e a indumentária. Intercalaremos com essas as belas artes também para que nosso passeio pela cultura oriental não se torne pedante.

Muitos de nós que viemos do oriente ou que somos das primeiras gerações descendentes dos imigrantes do oriente estamos acostumados com diversos pratos e alimentos típicos da Síria, do Líbano, do Iraque, da Turquia, da Palestina e de Israel e quase todos, aqui no Brasil e em alguns países ocidentais recebem o nome de comida árabe. Então, é preciso que antes que mais nada façamos algumas considerações. A primeira delas é que os árabes de origem, ou seja, aqueles realmente descendentes do povo que veio da Arabia (atual Arábia Saudita e Emiratos) e dos oásis da Transjordânia e também dos oásis do deserto da Síria, não possuem pratos típicos e muito menos “uma cozinha”.

Quando estudamos as condições climáticas e geográficas dessa parte do globo terrestre logo verificamos que esses oásis não são agriculturáveis, ou seja, não suportam uma agricultura industrial, uma agricultura que é reproduzida a partir do ato de plantação de sementes ou mudas pelo ser humano. Esses oásis produzem alguns vegetais silvestres nativos. Até mesmo pela dimensão do oásis, é impossível plantar-se para suportar uma população demograficamente densa. Tudo que esses oásis produzem são produtos que suportam a passagem temporária de tribos que por lá se aventuram ou são obrigadas a parar com o intento de se refrescar, pernoitar ou esperar a passagem duma tempestade de areia, para depois continuarem a perambular entre as fronteiras dos desertos. Além disso, a quantidade de água depende de chuvas que são muito esparsas e se nada for feito em termos de descanso da terra e irrigação forçada, tais oásis acabarão por se transformar também em deserto

total, tal como teria acontecido com o Oriente Médio durante o final do império otomano se os ingleses e franceses não houvessem ganho a 1ª. Guerra Mundial (antes de 1915, a própria Mesopotâmia por onde corre o rio Eufrates, o 6º maior rio do mundo, quase toda ela havia se transformado em pântanos incultos pois os árabes e curdos que vagavam por lá em tribos, matavam e pilhavam todos que lá plantassem e, como é sabido, uma terra abandonada transforma-se em floresta ou pântano e após o pântano, o fim é o deserto). Ainda com relação aos povos árabes, esses que vagueiam pelos desertos, os árabes autênticos, conhecidos como beduínos (em idioma árabe o nome é *badauí*, significa “primitivo, original”), é claro que não podem carregar consigo objetos pesados para produzirem seus alimentos e bebidas, assim, ninguém vê com um árabe (badauí) um arado ou uma pedra de moer trigo para produzir farinha para fabricar “pão árabe” ou “esfirra” ou até mesmo para fazer quibe. Aqueles que já tiveram a oportunidade de ver essas tribos e as estudar, até de forma sucinta, já perceberam que eles compram a farinha para fazer um pão bem fino e com esse pão fazem um tipo de enrolado com carne assada de cabrito e a isso acompanham como bebida somente água (nada de sucos de frutas pois não existem plantações de frutas nos oásis). Às vezes, quando recepcionam alguma autoridade, o enrolado é substituído por trigo moído que eles compram nas cidades por onde passam e o cozinham com pedaços de carne de cabrito e sempre comem com as mãos, sem utensílios especiais (facas, garfos, colheres, pratos são muito limitados pois seria impossível carregar e lavar talheres para a tribo toda, ainda que se considerasse o peso como tolerável, haveria o problema da água:- donde viria a água para lavar tais utensílios em grande quantidade?). É comum eles fazerem pequenas bolotas de trigo cozido, com as mãos e sobre essa bolota colocam um pedaço pequeno de carne que foi cozida com o trigo; em seguida ingerem esse conjunto. Os bebês cujas mães não possuem leite suficiente para os amamentar, são amamentados com leite de camela (ou cabra se a tribo possuir alguma cabra). O leite também é destinado aos doentes. Como recipiente de água, eles sacrificam um dos camelos mais velhos e utilizam seu estômago para guardar a água (o camelo possui dois estômagos, um para digestão de alimentos sólidos e outro para água, é esse segundo

o utilizado para recipiente de água). Os beduínos não utilizam o cavalo ou o jumento para carga ou montaria já que tais animais não resistem a longas jornadas sem água (o camelo passa até oito dias sem beber água).

Não devemos nos admirar dessa descrição alimentar pois a forma de vida do árabe é a vida nômade ou seja, do que ambula, que vagueia sem ponto fixo de partida e nem de chegada e então fica patente que o árabe não possui a cultura da lavoura agrícola que é típica da sociedade sedentária (sedentária é um termo derivado de “sede”, “assento”, “lugar”, “morada”). O nômade é caçador e colhedor, já o sedentário é plantador e criador. O nômade não se importa com o que acontecerá depois que ele colher e nem tampouco se caçar e comer e deixar aquele local; já o sedentário tem entre suas preocupações permanentes a preservação do lugar onde está radicado pois sabe que sua sobrevivência dependerá da continuidade da produção da terra e dos rios onde está.

Feita essa consideração, facilmente partimos para a próxima que é a seguinte. Se esse povo do deserto, o árabe (*badaii*) não possuía comidas sofisticadas como o *quibe* em suas mais diversas modalidades, a *esfirra*, o *hommus* (pasta de grão de bico), a cevada, a lentilha, a *baba ghanúdej* e outros inúmeros, então qual seria a origem desses pratos? Que dizer então de bebidas como os sucos de frutas ou o vinho e a cerveja? Outra dúvida que surge aos estudantes ocidentais da cultura árabe, seria: então por que dizemos comidas árabes? Essa pergunta sobressai em especial, entre os estudiosos de povos que foram durante algum tempo governados pelos mouros (adeptos do islão provenientes da África) tal como Portugal, Espanha e sul da Itália bem como os povos que depois foram colônias dessas nações européias (América Latina, Madagascar, Goa, Índia). Não podemos negar que as conquistas mouriscas no ocidente tiveram um papel preponderante na transmissão das culturas da África do Norte (egípcia, cartaginesa, tunisiana, argelina etc) e da Ásia (mesopotâmicas, indianas, chinesas etc) ao levarem ao ocidente as culturas dessas regiões e por isso, os povos conquistados pelos mouros acabaram por imputar a tais culturas o nome de árabe pois usavam o idioma árabe para se comunicarem e desta feita temos “comida árabe”, “música árabe”,

“arquitetura árabe” etc. Eis a resposta à segunda questão, o idioma árabe foi o portador de outras culturas ao ocidente, na Era das Trevas da Europa, ou seja, desde a conquista da península ibérica no século VIII bem no meio da Idade Média (Idade Média inicia em 476 d.C. a 1.453 d.C.).

Para uma primeira abordagem, vamos utilizar os conhecimentos linguísticos para determinarmos a origem das “comidas” e também retroagiremos na história para descobirmos mais detalhes.

Um dos alimentos mais comuns da Ásia, desde a Turquia até o Irã é o trigo. Com ele são feitos diversos pratos. O trigo é uma planta cuja origem é comprovada na pré-história, por volta de 11 mil anos atrás já era cultivado desde os altiplanos e planícies da Ásia Ocidental que compreende os atuais países do Líbano, Israel, Palestina, Síria, Sudeste da Turquia, Iraque e Irã (Pérsia) chegando até o norte e leste da África (Egito e Etiópia). Se olharmos o mapa dessa região em plano bidimensional (o mapa “achatado” ou planisfério), veremos que essa região descrita possui a forma de um quarto crescente da lua e por isso os historiadores denominaram-na “Crescente Fértil”. Essa é uma região por onde passam: o 2º maior rio do mundo, o rio Nilo, o 6º maior rio do mundo, o rio Eufrates e também o rio Tigre e muitos outros ribeirões. É lá que nasceu a agricultura – veja o mapa.



nasceu a agricultura – veja o mapa.

Nessa região encontraremos ainda, desde 8 mil anos atrás, diversas outras culturas como a entilha, as uvas, as

laranjas, as maçãs, as nozes, as amêndoas, as tâmaras e muitas outras. O trigo é um cereal nativo dessa região. Ele é utilizado como alimento tanto em forma crua, por exemplo no prato conhecido como “*quibe crú*” e na forma cozida, por exemplo “*quibe de bandeja*” a “*hentie*” e principalmente o “*pão*”.

Para saber mais sobre:

- o crescente fértil: **Saggs**, Henry W.F. – **The Greatness that was Babylon**, Londres - 1962

- os árabes antes da 1ª. Guerra Mundial: **Doughty**, Charles Montagu - **Travels in Arabia Deserta**, Londres - 1888 .

OBRIGADO DIRETORIA

Não é costume desse nosso informe apresentar elogios a pessoas de nossa comunidade, da comunidade da Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria; queremos no entanto, abrir uma exceção às diretorias executivas passadas, em especial às dos últimos oito anos pelos esforços desmedidos que exerceram para conseguir fazer com que a Igreja Santa Maria chegasse a esse ponto.

O mérito inicial foi do então presidente do Conselho, o Sr. Tuma Moussa Hakim que rompeu com uma tradição e conseguiu convencer Birhan Arslan a assumir a presidência da Diretoria Executiva e juntamente com o Sr. Elie Werdo formaram uma nova diretoria que sob orientação do Revmo. Pe. Gabriel Daho conseguiram encaminhar por duas gestões a administração da Igreja. Toda a diretoria mostrou seu empenho e com auxílio de mais pessoas da comunidade conseguiram parar um deficit monumental junto aos órgãos públicos. Foram anos de luta de Birhan Arslan, Elias Almazi, Elie Werdo, Aniss Sowmy, Carlos Abdallah, Maria Fernanda Salomão, Tony Shammo sem contar a organização de festas e eventos sociais da Diretoria Social, Sras. Jaqueline Werdo Bustamante e Leila M. Abdallah auxiliadas de forma inteligente e dedicada por diversas senhoras da comunidade como Anice Arslan, Bahija Setrak, Noria A. Carui, Marie Rose Setrak Sowmy, Maria A. Aris, Zekieh A. Çan e muitas outras que se fossemos enumerar não haveria espaço suficiente. Foi durante a primeira gestão do Sr. Birhan Arslan que foi reativado nosso informe *Suryoye* que durante cinco longos anos (1995–2000) fora escrito e editado graças aos esforços solitários e dedicados de Aniss Sowmy. Depois veio a administração de Tony Shammo, já presidente da Diretoria, secundado por Alberto Arslan e auxiliado na área financeira, de forma brilhante por João Fernando Werdo e novamente com o auxílio social de Jacqueline W. Bustamante e Eduardo Almazi. Dessa feita, a diretoria foi ampliada contando com Michele Tibúrcio na área social que por diversas vezes se esforçou em organizar eventos para as crianças da comunidade e também contou com Nádia Kardouss como diretora de patrimônio. Foi durante essa gestão que foi feita uma reforma na igreja, sem perder seu brilho arquitetônico e espírito religioso, foi também feita uma completa reforma da casa paroquial a qual havia mais de década que não era mantida. Thalita Aris foi também chave na solução de diversos conflitos legais dando seu parecer e moderando as reuniões com sua capacidade de participação. A diretoria cultural, com o auxílio de Georges Hnasi refez a apresentação na internet (www.igrejasiriansantamaria.org.br) incluindo diversas publicações como os livros com mais de 400 partituras musicais da nossa igreja que remontam a mais de dois milênios bem como gravações sonoras convertidas em arquivos MP3 de parte dessas músicas, dicionário de português-aramaico e também todos os números de *SURYOYE*, convertidos em PDF. Esse trabalho não seria possível sem a participação consultiva de Maurício Nader e sua esposa, Alice, da MQInfo. Também foram duas gestões de Tony Shammo e dessa feita, foi conseguida a isenção dos impostos locais sobre a igreja e seus anexos bem como da casa paroquial.

Nossos mais sinceros agradecimentos a todos que participaram desses anos de luta.

Agora, chegou a hora de uma nova geração ingressar na Diretoria Executiva para que num futuro próximo assuma totalmente essa administração. É preciso nova geração que participe com novas idéias para auxiliar o Revmo. Pe. Gabriel Daho a conduzir a comunidade e a Igreja por este 21º século. A nossa comunidade espera isso de seus filhos.



ORAÇÃO INICIAL

ሥዕር ሥዕር (1

Bramxo u dsafro

حَمِّمْنَا هَؤُورًا.

Belílio u bímomo

حَلِّمْنَا هَجَامُمَا

Nefelúh áhai

نُفَعَلُوهَ إِهَيْتَ

Bekárme damxího

حَقِّمْنَا دَمَخِيهَ وَدَمَّسَا.

Davírutho níthe

وَدَوِّرُوثُوهَا نِيْتَهَا

Hathno deráumo

هَاتْنُو دَرَاؤُمَا

U áme netbásam.

هَوَّامِنَا نَتْبَاسَامَ ❖

ሥዕር ሥዕር ሥዕር ሥዕር (2

Omro íto damthokhno moran

أَمْرُو إِتُو دَامْتُحُكْحَنُو مَوْرَان

U íth li benáio kíne uáuoie.

هَوَّامِنَا لِي بِنَاؤِي كِينِي وَأَوَّوِي.

Bboú menokh hannono moran

بَبُو مَنُوكْحُ هَانُونُو مَوْرَان

medTul kíne

مَدْتُولُ كِينِي

hús ál auole.

هَوَّامِنَا أَلْ أَوَّوِي ❖

